

Implosão de gêneros

Três documentários assumidos contribuem para a discussão de implosão de gêneros – cinematográficos e sexuais – no 24º Cine Ceará

Susana Schild

Um americano preso em São Paulo conta sua história para a câmera. E que história! Com ar desamparado e inocente, Christopher Kirk (é esse seu nome) se revela um tremendo narrador. De forma casual, como quem vende detergente (ele lembra Carlos Moreno, o longevo garoto propaganda da Bombril), Chris atribui a hipopótamos criados pelo mega-traficante Pablo Escobar o estopim para a guinada radical de sua vidinha morosa. Em busca de aventura, o técnico de computação prá lá de nerd embarcou para Bogotá, prontinho para o que desse e viesse. Logo conheceu e se apaixonou pela misteriosa V., mulher fatal de carteirinha, que enrola o suposto ingênuo americano em tramas rocambolescas, envolvendo personagens surreais, viagens caóticas e consequências pesadas – como a prisão por tráfico de drogas, o único dado 100% comprovado da suposta ‘confissão’.

Corte. Em 2011, os diretores Maira Buhler e Matias Mariani realizaram *Ela sonhou que eu morri*, documentário sobre presos estrangeiros em São Paulo. Na ocasião, conheciam Christopher Kirk, e devido ao poder narrativo do rapaz, acharam que merecia um longa. O resultado, *A vida privada dos hipopótamos*, levou o prêmio de melhor filme para o júri da Abraccine no 24º Cine Ceará.

De cara limpa, Chris conta uma história absurda que, a princípio, parece fazer algum sentido. Seu desenvolvimento, nem tanto. Seria natural que os realizadores procurassem checar alguns fatos. Na contramão da investigação tradicional, que corre atrás de amigos e familiares (que merecem alguns divertidos registros caseiros), Maira e Matias tomaram outro rumo: vasculhar o HD do personagem, oferecido pelo próprio como ‘prova’ principal de atos e fatos. E através do acesso a incontáveis mensagens, imagens, entrevistas por skype, cenas de you tube, alguns fatos (reais ou fictício) foram surgindo. Segundo Chris, V., com seus poderes fatais, seria a única e grande culpada da situação. Mas quem é V.? No máximo, imagens embaçadas, que podem ser atribuídas a toda ou qualquer mulher. V. existiu? Quem garante?

Afinal, seria tudo verdade? Ou seria tudo é mentira? Ou como V, apresentada como mezzo-colombiana, mezzo-japonesa, uma mistura das duas possibilidades?

Durante coletiva à imprensa, a montadora Luisa Marques foi cobrada quanto à eventual passividade dos diretores diante de um depoimento que nunca é questionado. A afirmação procede - em termos. De fato, os realizadores parecem embarcar no que ouvem. E para o júri da Abraccine, foi justamente a aposta no poder do envolvimento proporcionado pela narrativa oral que concede um diferencial importante ao personagem. Este diferencial é amplamente valorizado pela perícia da montagem, que de forma bastante criativa, tenta preencher hiatos, lapsos e buracos negros de uma história que, salvo prova em contrário, foi criada por um habilíssimo manipulador com o dom de transformar ouvintes em reféns . É isso de certa forma que Chris faz com os realizadores que, por sua vez, transferem a batata quente para o espectador.

Chris, que começa a história com fama de Pinóquio (pela inocência), seria um mentiroso frio e compulsivo nato ou um cara bonzinho que enveredou pela trilha do mal em nome de uma paixão avassaladora?

Qualquer que seja a proporção entre verdades e mentiras do caso *Hipopótamo*, o resultado reitera o abalo que vem minando os limites entre documentário e ficção – se é que ainda estão em vigor. O primeiro, tradicionalmente associado à vida real. O segundo, ao mundo da imaginação. Conceitos que o século XXI vem despachando para o espaço – real e/ou virtual, assim como muitos outros apontados, por exemplo, em *De gravata e unha vermelha*. Com direção de Miriam Chnaiderman, o filme escuta personagens que exibem uma atitude oposta ao discurso ambíguo do nerd americano. Depois de anos de vidas de ‘mentira’ e, de certa forma, fictícia, um time de famosos (Laerte, Ney Matogrosso e Rogéria), menos famosos como Letícia Lanz ou Mel (Banda Uó), ou anônimos, expõem, sem disfarces, o geralmente doloroso percurso que os levou a implodir o ‘gênero sexual’ original rumo a várias outras possibilidades. O documentário, injustamente deixou o 24º Cine Ceará sem qualquer menção, merecida, no mínimo, pela coragem de exposição dos personagens.

A implosão também está presente – no início e no fim de ‘Se’, curta de estréia de Ian Capillé’. Diante das câmeras, o rapaz magro e tímido, transmite sinceridade ao admitir transtornos psiquiátricos e revela o conselho de uma terapeuta: fazer um diário. Ian obedece – e tanto escreve como filma, idéias, imagens, acontecimentos, usando a câmera como stylo, lema do cinema de autor dos anos 60. E vai além ao ler um sóbrio laudo reforçando a tese de que teria um grave distúrbio psiquiátrico.

Tudo parece verdade até que...na coletiva de imprensa, questionado pela moderadora Maria do Rosário Caetano quanto à veracidade da história, o rapaz saiu pela tangente afirmando algo como “90% são ficção e 10% invenção”. Quanto ao laudo psiquiátrico foi ainda mais evasivo: ‘prefere não responder no momento’. E agora? Ian, que inscreveu seu curta no gênero documentário, fez um selfie de 20 minutos ou usou a câmera para construir uma ficção sobre si mesmo? Ou, mais provável, as duas possibilidades?

Apesar de temas e abordagens tão diferentes – os três filmes – a princípio definidos como ‘documentário, implodem, cada um a seu modo, limites de gêneros. Um embaralhamento que ainda deve render ótimos filmes – e discussões.